

10 ANOS DEPOIS (da participação militar brasileira na missão pacificadora da República Dominicana)

Gen Div

CARLOS DE MEIRA MATTOS *

Há 10 anos passados, no dia 30 de setembro, era extinto o FAIBRAS, sigla que foi usada para designar o *Destacamento Brasileiro da Força Interamericana de Paz (FIP)*.

Desejo, hoje, em homenagem àqueles milhares de homens do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, que participaram da feliz *operação de paz*, rememorar os fatos e deles tirar algumas conseqüências.

A intervenção da OEA no conflito dominicano, dando cobertura imediata a uma ação acauteladora do governo norte-americano, que precedeu, com suas tropas, à deliberação do órgão panamericano, constituiu-se em um dos mais nítidos êxitos que já obteve uma organização internacional ao exercitar esse tipo de intervenção coletiva.

Realmente, ao reunir-se, em caráter de emergência, a 6 de maio de 1965, a *10.^a Reunião de Consultas dos Ministros de Relações Exteriores* da OEA decidiu aprovar a intervenção coletiva no território da República Dominicana, mergulhado no caos da desordem e da violência provocada pelos comunistas locais, aliados de Havana. Naquele momento, muita gente de boa fé contestava as ligações de Cuba com

* O Gen Div Carlos de Meira Mattos é, atualmente, *Vice-Diretor* do Colégio Interamericano de Defesa, localizado em Washington — EUA.

os comunistas dominicanos. Hoje, entretanto, a ninguém mais será lícito negar essa evidência — basta verificar para onde foram o Coronel Caamaño e muitos de seus principais auxiliares após o conflito; dali, de Havana, intentaram, em 1972, sem êxito, uma invasão e nova conflagração esquerdista no país do Caribe.

A *Força Interamericana de Paz (FIP)* foi criada com a missão de fazer cumprir a Resolução de 6 de maio de 1965 da 10.^a *Reunião de Consultas* da OEA, que pode ser assim resumida — *restabelecer a ordem, restaurar a paz entre seus habitantes e implantar um regime democrático na República Dominicana*. Esta missão, a FIP cumpriu exemplarmente, com o apoio da diplomacia panamericana e a cooperação das forças armadas dos países que a integraram.

Através desses últimos 30 anos, desde o término da Segunda Guerra Mundial, várias intervenções coletivas têm sido decididas pela ONU — na Coreia, no Chipre, na região de Suez, no Congo, na área contestada entre a Índia e o Paquistão, na província de Golan — várias forças militares internacionais têm sido criadas para pacificar regiões conflagradas e encontrar uma solução para os antagonismos em choque; nenhuma dessas intervenções obteve o sucesso que coroou a missão da FIP na amiga República Dominicana. Após um período de dezesseis meses, retirava-se do território dominicano o último soldado da FIP, deixando atrás de si, "a ordem restabelecida, a paz restaurada e a democracia implantada" através da posse do Presidente da República e do Congresso livremente eleitos em pleito realizado sob a fiscalização da OEA e de inúmeros organismos internacionais de caráter público e de caráter privado, convidados para irem certificar-se da ampla liberdade assegurada ao povo dominicano para escolher os seus candidatos. Até hoje, nenhum órgão da Imprensa internacional pôde contestar a lisura dessas eleições que restauraram a confiança do povo, livrando-o do clima de pressão e de medo instituído pelos grupos comu-

nistas e asseguraram-lhe as condições de liberdade para escolher os seus legítimos dirigentes.

Estes, os aspectos políticos e psicossociais da missão que foi cumprida pela FIP. Vejamos, agora, algo sobre sua estrutura e operacionalidade.

A *direção executiva* da política estabelecida pela OEA para a República Dominicana, foi confiada a três Embaixadores — Ellsworth Bunker, dos Estados Unidos, Ilmar Pena Marinho, do Brasil, e Ramón de Clairmont Dueñas, de El Salvador.

A nossa Missão Diplomática na República Dominicana esteve a cargo do ilustre Embaixador Geraldo Eulálio Nascimento Silva.

A *Secretaria Geral* da OEA, tendo à frente o Embaixador José de Mora, instalou-se no Hotel Embaixador, em São Domingos.

O *Comando Militar* da FIP foi confiado ao Gen Ex Hugo Panasco Alvim, substituído mais tarde pelo Gen Ex Alvaro da Silva Braga, ambos do Brasil. Foi o *Comandante* da FIP assessorado por um estado-maior combinado internacional, composto por oficiais dos Estados Unidos, Brasil, Paraguai, Honduras, Nicarágua e Costa Rica.

A tropa da FIP estruturou-se em dois grandes comandos — o *comando norte-americano* e o *comando da Brigada Latino-Americana*. O *comando norte-americano*, além das unidades operacionais, dispunha de um agrupamento logístico que se encarregava de suprimento de todas as classes, serviços médicos e transportes para a FIP. Comandou o contingente norte-americano o Ten Gen Bruce Palmer que, mais tarde, foi Chefe de Estado-Maior do Exército Americano.

O Contingente Brasileiro, de 1200 homens, renovado de seis em seis meses, era composto de um *Batalhão do Regimento Escola de Infantaria* (I-RESI) e de um *Grupamento do Corpo de Fuzileiros Navais*. O estado-maior da *Força Inte-*

americana de Paz (FIP) contou com a participação de oficiais e graduados das nossas três forças, Exército, Marinha e Aeronáutica.

O apoio logístico no Brasil e a coordenação das atividades da FAIBRAS estiveram a cargo do *Estado-Maior das Forças Armadas* (EMFA) que, para isto, criou uma comissão especial, verdadeiro estado-maior chefiado pelo General Reynaldo Mello de Almeida. A Força Aérea Brasileira garantiu esse apoio logístico através de uma linha semanal de avião Rio-Santo Domingos, além de ter participado ativamente de transporte de contingentes destinados à ilha do Caribe. A nossa Marinha de Guerra, através de sua Força de Transportes, participou, em várias oportunidades, das operações de transporte de tropa e de material. É mister se destacar que essas operações de transporte, realizadas pela FAB e Marinha de Guerra, com eficiência e regularidade exemplares, representaram abrir e manter uma linha de comunicações a 7.000 km de distância da base de apoio, no Rio de Janeiro; uma operação que pode ser considerada, pela distância e por suas características geográficas, do tipo intercontinental.

A lembrança das pessoas e episódios envolvidos na operação S. Domingos obriga-nos a mencionar alguns nomes, entre os milhares de brasileiros que cumpriram a missão de pacificação da OEA nessa histórica ilha do Caribe, onde Cristovam Colombo primeiro tocou a terra do Novo Mundo.

Já destacamos os dois comandantes da FIP, Generais de Exército Hugo Panasco Alvim e Alvaro da Silva Braga. No EM da FIP recordaremos os então Capitães-de-Mar-e-Guerra Rafael de Azevedo Branco (hoje Vice-Almirante) e João Baptista Torrents G. Pereira, os Coronéis do Exército Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira (hoje General de Exército) e Eneias Marques Sobrinho, os Coronéis da FAB Carlos Guimarães de Mattos e Alexandre Ney de Oliveira Lima Teles.

No *Estado-Maior* da FAIBRAS e da *Brigada Latino-Americana* os Coronéis Theotonio Luiz Lobo de Vasconcelos e Jayme Machado Marinho dos Santos e o Capitão-de-Mar-e-

Guerra Fuzileiro Naval Clinton Cavalcante de Queiroz Barros.

Nos comandos das unidades da FAIBRAS revesaram-se, no I/RESI, os Coronéis Paulo de Campos Paiva (hoje General de Brigada) e José Maria Covas e Pereira; no Grupamento de Fuzileiros Navais os Capitães-de-Corveta Paulo de Oliveira Reis, Fernando do Nascimento e Umberto Barbosa Lima Martins.

Entre os mencionados ressaltaremos, finalmente, os nomes dos que ali morreram, dignificando a missão de paz da FIP, 3.º Sargento Fuzileiro Naval Paulo Barreto de Mendonça, Cabo do Exército Ari Henrique de Oliveira e soldados do Exército Naúm Lopes de Souza e Josias Moraes de Assis.

Acreditamos que a melhor homenagem que podemos prestar aos nossos companheiros, participantes dessa difícil, mas coroada de êxito, missão de paz cumprida pelas nossas Forças Armadas na República Dominicana, será repetir aqui as palavras de despedida ao último Contingente que integrou a FAIBRAS, durante a cerimônia de 30 de setembro de 1966:

“No dia de hoje, por decreto do Excelentíssimo Sr. Presidente da República, é extinto o *Destacamento Brasileiro da Força Interamericana de Paz (FAIBRAS)*.

Assim, depois de uma permanência na missão de mais de dezesseis meses, FAIBRAS se desativa como instrumento militar criado para dar cumprimento a uma *Resolução da Organização dos Estados Americanos (OEA)*.

Estamos, pois, o Comandante diante de seus comandados, na hora derradeira da despedida.

Chegou o momento de vos dizer de meu justificado orgulho por vos ter comandado.

Destes um exemplo edificante de como se deve comportar uma Força de Paz destacada em país irmão e amigo.

Perante os exércitos dos Estados Unidos, Paraguai, Nicarágua, Honduras e Costa Rica, nossos companheiros nessa jornada, deixastes bem patente o padrão de disciplina, de organização e de eficiência militar de nossas Forças Armadas.

Diante do sofrido povo dominicano, envolvido num conflito longo e sangrento, soubestes representar, de maneira impecável, a dignidade, o valor e os sentimentos cristãos e fraternos do soldado brasileiro.

Nunca vos faltou coragem nos momentos em que fostes arrastados à violência dos combates; nunca vos faltou a necessária serenidade e o devido zelo pela segurança da população civil e pela preservação de preciosas vidas dominicanas; nunca vacilastes, um só instante, ante a iminência de pagar o tributo de vosso sangue, para que a missão de Paz da OEA e da FIP fosse cumprida.

Fostes bravura, calma e generosidade. Fostes um exemplo extraordinário de *Soldado de Paz*. Provastes a aptidão da tropa brasileira para as missões de paz.

Dignificastes, no Caribe longínquo, o Exército Brasileiro, o Corpo de Fuzileiros Navais e a Força Aérea Brasileira.

Seríamos injustos, nessa hora de despedida, se não destacássemos o apoio que nunca faltou para que cumpríssemos cabalmente a nossa missão, de parte: dos Ministérios da Marinha, Guerra e Aeronáutica; do Estado-Maior das Forças Armadas através da Comissão FAIBRAS, dirigida pelo impressionante dinamismo do Exmo. Sr. General de Brigada REYNALDO MELLO DE ALMEIDA e, também, dos dois oficiais generais brasileiros que comandaram a força multinacional da FIP, General-de-Exército HUGO PANASCO ALVIM e General-de-Divisão ALVARO ALVES DA SILVA BRAGA.

Agora nos separamos, levados por destinos vários; muitos de vós sereis licenciados por término de serviço

militar; outros, no Exército e no Corpo de Fuzileiros, continuareis pelos caminhos de vossa profissão. Em todos nós, entretanto, ficará uma marca indelével, verdadeiro galardão, que nos acompanhará por toda a vida, a plena satisfação da missão bem cumprida para com o Brasil e a favor da sobrevivência da democracia na América”.

(ORDEM DO DIA do Cmt. da FAIBRAS, publicada no Boletim Interno n.º 41, de 30 de setembro de 1966, e lida por ocasião da cerimônia de recepção da FAIBRAS, realizada junto ao Monumento aos Mortos da 2.ª Guerra Mundial, no Rio de Janeiro, nesse mesmo dia).

“São os livros uns mestres mudos que ensinam sem fastio, falam a verdade sem respeito, repreendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos e assim, com a força de tratar com pessoas honestas e virtuosas, se adquirem insensivelmente os seus hábitos e costumes, também a força de ler os livros se aprende a doutrina que lhes ensinam. Forma-se o espírito, nutre-se a alma com bons pensamentos e o coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradável, que não há nada que se o compare e só o sabe avaliar quem chega a ter a fortuna de o possuir.”

PADRE A. VIEIRA